

A EROTIZAÇÃO INFANTIL NAS MÍDIAS ELETRÔNICAS: uma discussão necessária para pais e mestres

CHILD EROTIZATION IN ELECTRONIC MEDIA: a necessary discussion for parents and teachers

Patrícia Ellmer de Carvalho Ribeiro¹

MSc. Bruna Milene Ferreira²

RESUMO: A pesquisa em questão aborda como temática: *A erotização infantil nas mídias eletrônicas: uma discussão necessária para pais e mestres*. Diante dessa ideia pode-se elaborar como objetivo geral da pesquisa o seguinte: compreender as consequências acerca da erotização infantil nas mídias eletrônicas e como esta discussão é necessária para pais e mestres, o que leva a três questionamentos fundamentais, entre eles: qual é a relevância da abordagem do fim da infância na modernidade com o advento da adultização da criança nas redes sociais?; De que forma a colaboração dos pais ao expor a criança nas redes ou permitir que ela própria se exponha excessivamente pode gerar consequências negativas?; Nos tempos modernos por que é tão essencial propor uma discussão entre a importância da separação entre o público e o privado, bem como da manutenção da privacidade das famílias que, cada vez mais, escancaram suas experiências íntimas nas redes sociais, sem se preocuparem em preservar nem mesmos os seus filhos? A metodologia utilizada para a realização deste trabalho parte da abordagem qualitativa e explora teorias dos seguintes autores: Bauman (2008), Buckingham (2007), Freud (1996) e Postman (2012). Estes pensadores auxiliam na discussão acerca da infância na contemporaneidade, no contexto da cultura virtual, mostram como os pais são responsáveis também pela exposição da criança mesmo sendo esta considerada *nativa digital*, deixando de assumir o importante papel paterno no desenvolvimento saudável das crianças na era das mídias eletrônicas.

Palavras-Chave: Infância. Tecnologia. Adultização. Sexualidade. Desenvolvimento.

ABSTRACT: The research in question addresses the following themes: *Child eroticization in electronic media: a necessary discourse for parents and teachers*. Given this idea, the following general objective of the research can be elaborated: to understand the consequences of children's eroticization in electronic media and how this discussion is necessary for parents and teachers, which leads to three

¹ Acadêmica concluinte do 8º período do curso de Pedagogia do Centro Universitário Alfredo Nasser, no semestre 2021/1. Endereço para contato: patriciaellmerc@hotmail.com

² Professora orientadora, Mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Goiás. Professora de Filosofia da Educação, Sociologia da Educação e Pesquisa Educacional no Centro Universitário Alfredo Nasser. Coordenadora de orientação de trabalhos de conclusão de curso no ISE. Editora-chefe da Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate (UNIFAN). Colaboradora da Revista Acadêmica Sociedade, Saúde e Meio Ambiente (UNIFAN).

fundamental questions, among them: what is the relevance of the end of childhood approach in modern times with the advent of adultization of children in social networks ?; How can parental collaboration in exposing children to networks or allowing them to expose themselves excessively have negative consequences ?; In modern times why it is so essential to propose a discussion between the importance of the separation between the public and the private, as well as the maintenance of the privacy of families that, more and more, open their intimate experiences on social networks, without worrying about preserving not even your children? The methodology used to carry out this work starts from the qualitative approach and explores theories of the following authors: Bauman (2008), Buckingham (2007), Freud (1996) and Postman (2012). These thinkers assist in the discussion about childhood in contemporary times, in the context of virtual culture, show how parents are also responsible for the exposure of the child even though it is considered a *digital native*, failing to assume the important paternal role in the healthy development of children in the age of electronic media.

Keywords: Childhood. Technology. Adultization. Sexuality. Development.

Data de Submissão: 01. jun. 2020

Data de Aprovação: 08. fev. 2022.

1 INTRODUÇÃO

“É no problema da educação que assenta o grande segredo do aperfeiçoamento da humanidade.”

(Immanuel Kant)

O tema em pauta chama o interesse por ser um assunto voltado para a preocupação com a exposição das crianças nas mídias, de forma vulnerável e adultizada, especialmente nas redes sociais, ocorrendo um atropelamento das fases importantes para a formação do ser humano em seu desenvolvimento, principalmente, na infância.

No cenário do mundo moderno vivendo-se na quarta revolução industrial, sendo ela conhecida como a Revolução Digital, a sociedade se mostra cada vez mais acelerada, o público e o privado não se distinguem, e a erotização infantil de forma adultizada vem ganhando destaque nesse cenário.

Vivemos na sociedade do espetáculo, as crianças são expostas de forma voraz nas redes sociais pelos próprios familiares, ou até mesmo pelo fato de terem livre acesso à internet, sem o acompanhamento de um responsável, levando-as ao desejo de se tornarem adultas precocemente.

Na contemporaneidade, o avanço da tecnologia, revelou a vulnerabilidade do público infantil cada vez mais incentivado pelos adultos a se mostrar nos espaços digitais, sejam por meio do material fotográfico que a própria família posta nas redes ou quando os filhos se transformam em *influencers digitais*, *bloggers* ou algo do tipo.

O tema em questão é atual e pertinente, visto que aborda o fim da infância, nos moldes em que era conhecida antes da modernidade, com a adultização da criança nas redes sociais; perceber a colaboração negativa dos pais ao expor a criança de forma adultizada; e, conscientizar acerca da importância da redução da exposição virtual para o desenvolvimento da criança, respeitando o seu espaço privado são alguns dos objetivos deste trabalho. Desse modo, esse artigo subdivide-se em 3 seções. A primeira é: A adultização da criança nas redes sociais: o fim da infância na modernidade, a segunda: A colaboração negativa dos pais ao expor as crianças de forma adultizada, a terceira: O espaço privado e o desenvolvimento da criança: a importância da redução da exposição virtual.

A primeira abordagem faz uma retrospectiva da infância desde o século XI, como a criança era vista até chegar à modernidade, abordando como o consumo e o marketing afetam a vida das crianças, levando-as a uma busca constante por uma felicidade momentânea. Com o avanço tecnológico a criança encontra acesso fácil para o consumo. A vida corrida do capitalismo leva os pais a terceirizarem a educação de seus filhos, estes possuem super agendas com compromissos intermináveis, tornando-se, assim, adultos em miniatura.

Seguindo a diante, na segunda abordagem é discutida a interferência dos pais mediante a exposição dos filhos adultizados nas redes sociais, ocorrendo a mistura entre vida pública e privada, o que revela o flagrante desrespeito dos direitos da criança quanto a ter a sua imagem resguardada.

A nova infância digital mostra como a criança vivencia essa fase de forma positiva e negativa, o que pode acarretar problemas futuros, por isso os pais devem ser conscientizados acerca dos limites da exposição dos filhos ao mundo virtual.

2 A ADULTIZAÇÃO DA CRIANÇA NAS REDES SOCIAIS: o fim da infância na modernidade

A criança contemporânea está vivendo uma infância com aspectos diferentes de anos atrás. As transformações sociais, culturais dessa geração e o surgimento de novas tecnologias são questões que modificam a vivência infantil. De acordo com Buckingham (2007, p. 7) “A morte da infância e o otimismo embriagador que celebra a nova autonomia da geração eletrônica”, diante desse cenário, conduz ao desaparecimento de uma infância e ao surgimento de uma nova geração digital.

A infância é conhecida como um processo cultural que se modificou com os avanços tecnológicos, para obter uma compreensão da criança contemporânea, faz-se necessário uma breve contextualização histórico-cultural. Segundo Ariés (1986), a criança até meados do século XI era vista como adulto em miniatura não necessitava de um conceito próprio de infância. No século XIII a XVII esse sentimento começa a aparecer devido à introdução da iconografia medieval, mesmo assim, ela continuava sendo vista como um adulto em miniatura. Aparecem algumas denominações da infância em que a criança era vista como anjo, rótulo dado pela influência da igreja para o consolo às mães pela perda de seu filho. Os pintores desse século retratavam a criança semelhante ao adulto, pois o índice de mortes era maior na primeira infância e merecedoras de serem retratadas. Outro motivo para a pintura seria mostrar como os herdeiros das famílias nobres cresciam e por fim retratar as suas riquezas.

Para Nunes (1987) e Ussel (1980), durante os séculos XV e XVI o controle da sexualidade não existia, havendo assim uma liberdade sexual completa. Nas classes sociais o abraçar, cariciar, beijos eram compartilhados de forma natural, assim como a masturbação em crianças feita pelos pais e a ama tinham o intuito de acalmá-las.

A partir do século XVIII surge o significado da infância, passa-se a ter um interesse maior pelas crianças com privilégios na família, através de moralistas e educadores. A preocupação da família com a educação da criança faz-se necessário para criar regras e normas para a sua formação, e inseri-la no contexto social.

Na Idade Moderna aparecem às primeiras instituições educacionais infantis e o conceito de infância começa a ser alterado. De acordo com Ariés (1981, p. 26):

(...) é sempre, quer ou não, uma história comparativa e regressiva. Partimos necessariamente do que sabemos sobre o comportamento do homem de hoje, como de um modelo ao qual comparamos os dados do passado com a condição de, a seguir, considerar o modelo novo, construído com o auxílio dos dados do passado, como uma segunda origem, e descer novamente até o presente, modificando a imagem ingênua que tínhamos no início.

Nesse sentido, percebem-se as transformações da infância no decorrer do tempo, com mudanças sociais e culturais a infância não é vista como antes. No meio do século XX Sigmund Freud diverge a sociedade com sua pesquisa sobre a sexualidade infantil.

Segundo Freud (1996, p. 53):

A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais. Ela os traz consigo para o mundo, e deles provém, através de uma evolução rica de etapas, a chamada sexualidade normal do adulto. Não são difíceis de observar as manifestações da atividade sexual infantil; ao contrário, deixá-las passar desapercibidas ou incompreendidas é que é preciso certa arte.

Percebe-se que, esse pensamento freudiano perpassa a sexualidade visada apenas como um órgão genital, e sim algo presente em todo ser humano que o acompanha desde o nascimento.

Com o surgimento da imprensa mídia visual no século XX e início do século XIX, cria-se uma linha divisória entre a vida adulta e a infância. Para Postman (2012) ao dizer que está ocorrendo um desaparecimento da infância com a invenção dos meios de comunicação visual, igualando o adulto e a criança em um mesmo contexto social, fato que ocorria até a idade média, leva à defesa de várias teses para sustentar este pensamento: como crianças e adultos acessarem os mesmos conteúdos midiáticos, crianças adultizadas precocemente, o consumismo, imitação de vestuários infantis com moda adulta, hábitos alimentares, o campo do sexo e drogas, são fatores importantes para se falar que há um desaparecimento da infância em uma sociedade que passa por constantes mudanças.

Já neste século contemporâneo a infância tem um novo aspecto de transformação tecnológica em um mundo virtual. A mídia nesse cenário vem ganhando cada vez mais espaço, de acordo com Buckingham (2001), a mídia é um instrumento publicitário e altruísta, onde não existe domínio de propriedade, principalmente nas redes sociais como meio de exposição da criança, ocorrendo assim, uma erotização precoce e sendo tratada com normalidade nesse universo de compartilhamento sem distinção de idade.

Segundo Postman (2012), “encontramos crianças adultizadas, assim como adultos infantilizados”, esses novos hábitos confrontam a luta pelo reconhecimento

da infância como fase separada da vida adulta, observa-se então que essa circulação da criança em meio às redes sociais reforça a concepção da cultura infantil no meio virtual e essa ruptura precoce na fase primordial da criança pode causar problemas futuros em seu desenvolvimento.

Sendo assim, o comportamento infantil assume a imagem semelhante do adulto quando a criança é livremente admitida no mundo das informações irrestritas, ocorrendo um retrocesso histórico.

A vida capitalista e o livre acesso que as crianças encontram com as mídias eletrônicas, as faz mergulhar na Era da sociedade do consumo. Segundo Bauman (2008, p.71) vivemos em um contexto social de consumidores:

A “sociedade de consumidores”, em outras palavras, representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas.

A criança participa, é envolvida precocemente e introduzida nessa sociedade do consumo, refletindo hábitos, atitudes e comportamentos espelhados de adultos, o consumo invade e se torna o centro da vida social, tornando-se tóxico.

O marketing é a marca que direciona as crianças a consumir determinados produtos ou influencia a mudanças de comportamentos em busca da felicidade e do prazer, o ritmo estabelecido para o consumo acaba criando falsas necessidades que alimentam o desejo do sujeito em busca pelo objeto do consumo.

Na corrida constante por essa felicidade e prazer Freud (1974, p. 95), afirma que:

O que chamamos de felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue.

Considerando a felicidade como uma satisfação pulsional, Freud aponta que seja um caráter efêmero, episódica, quando se aceita a ideia de consumo ocorrendo em uma busca voraz, constante pelo que é desejado. Assim, após o desejo satisfeito é rapidamente substituído por outro, por meio de uma incessante busca pelo consumo.

Nessa sociedade consumista, que está sempre buscando freneticamente uma felicidade momentânea e líquida ligada aos prazeres imediatos Bauman (2008), não se preocupa com as consequências e sim com o hoje e o agora.

Com um acesso fácil às mídias eletrônicas, hoje em dia, as crianças ficam expostas e são bombardeadas com estratégias do marketing infantil para ganhar espaço nesse universo consumidor e se ter um prazer instantâneo. Se observarmos no passado, não se tinha um olhar nem direcionamento ao consumo infantil, as crianças não tomavam decisões em relação às compras familiares, apenas os adultos eram responsáveis por essa função, onde se difere entre adultos e criança. Atualmente, a criança participa, opina e direciona o consumo familiar como majoritário nas tomadas de decisões consumistas.

Vários estudos comprovam que a criança tem uma forte influência nas decisões de consumo perante os pais, sendo que isso aumenta de acordo com a idade. Com base no estudo de Mittal, Newman e Sheth (2001, *apud*, VIANNA, 2018, p. 53), 21% das mães de crianças entre cinco e sete anos cedem aos pedidos delas, sendo que esta porcentagem sobe para 57 % no caso de crianças entre 11 e 12 anos.

Com a terceirização da educação no mundo moderno, observa-se outro aspecto que se torna visível na adultização infantil, mesmo não sendo um fenômeno novo, mas que se for analisado é possível constatar que não é algo distante da atualidade. Priore (1999) diz que as crianças da elite brasileira dos tempos do império eram destinadas a terceiros, a amamentação era destinada às amas de leite, babas e criadas responsáveis pelos cuidados físicos, a educação era destinada aos professores particulares e crianças eram enviadas para estudar em internatos no exterior.

No contexto atual a terceirização das crianças ocorre em todas as classes sociais, sendo destinada aos avós, babás, parentes, escolas em tempo integral, por motivos de trabalho na garantia do sustento familiar. Para Martins Filho (2012, p.12, *apud*, VIANNA, 2018, p. 54), “no mundo contemporâneo, pautado pelo consumismo, imediatismo e individualismo, pouco tempo das gerações mais velhas tem sido destinado aos cuidados e à educação dos pequenos”. Com essa terceirização da educação a transferência de decisão é destinada à criança, aumentando a chance de se tornar um adulto precoce.

Crianças com agendas lotadas e pré-determinadas em tempo integral (escola, inglês, natação, ballet, futebol), é reflexo de uma vida adulta, cheia de compromissos, o mesmo ocorre na escola integral, deixando a criança com pouco tempo livre para se socializar em ambientes diferentes, vivenciar outras atividades daquelas que não sejam apenas em uma instituição educacional em período integral, ter mais tempo para o afeto familiar, são marcas do capitalismo. Na pesquisa realizada por Sousa apud Vivianna (2018, p. 58) afirma uma aluna:

Se eu ficasse na escola de 7h às 11h30, o que eu aprenderia em questão? Aprenderia como ter um bom fim de tarde, ter mais tempo de conversa com os amigos, ler um livro que você tanto gosta, e o principal: ajudar e passar uma tarde com minha mãe e meu pai, que eu vejo tão pouco. E isso tudo eu aprenderia com as pessoas, com o mundo, ou até sozinha. Aqui fala uma aluna que ama viver no mundo da lua. [Aluna de escola integral no campo, sexo feminino, 14 anos].

Nota-se que as crianças com agendas pesadas e sem tempo livre não vivenciam a infância do modo vinculado ao ócio, onde se cria a imaginação, tem o brincar livre, vivenciar suas próprias experiências de acordo com o seu tempo.

Nesse contexto pode-se dizer e concordar com Postman, está ocorrendo um desaparecimento da infância, onde crianças e adultos se encontram no mesmo nível e vivenciando uma vida adulta, e essa é uma preocupação além de cunho familiar, é pedagógica, psicológica, pois, a criança terá resquícios de uma infância roubada pela interferência de uma vida adulta.

3 A COLABORAÇÃO NEGATIVA DOS PAIS AO EXPOR AS CRIANÇAS DE FORMA ADULTIZADA NAS MÍDIAS ELETRÔNICAS

As crianças estão vivenciando uma época marcada pela rapidez e excesso de informação proporcionada pela tecnologia digital que estabelece uma forma importante de interação entre as pessoas. Essa nova cultura na qual a exposição da criança “adulta” se torna primordial no ambiente familiar é um fator preocupante para a o estímulo à erotização infantil. Para Burckingham (2010, p. 42) a infância nesse universo digital sofre mudanças significativas de forma ambígua:

Como muitos autores observaram, estas mudanças tiveram implicações significativas, porém ambíguas em termos de nossas concepções de

infância. Alguns argumentaram que a mídia moderna está efetivamente destruindo a infância – ou pelo menos obscurecendo os limites entre infância, juventude e idade adulta – e que os valores morais tradicionais precisam ser reafirmados. Outros defensores da nova geração digital assinalam a tecnologia como uma força de liberação das crianças – um meio para elas ultrapassarem a influência coercitiva dos mais velhos e criarem formas novas autônomas de comunicação e comunidade.

O autor ressalta uma comparação entre a visão otimista e a visão pessimista com relação às crianças nas mídias. Buckingham conclui que é necessário chegar a um meio termo, para que não ocorram apenas apontamentos negativos do contato da criança com a mídia, mas destaca a gravidade dos riscos do contato delas no contexto digital. Dessa forma, é fundamental o papel da família para enxergar de maneira mais ampla a relação da exposição da criança nesse mundo virtual.

As crianças contemporâneas são nativos digitais e por meio da mediação familiar acabam sendo expostas nas redes sociais como objetos adultos em busca de reconhecimento em suas publicações e tornam-se alvos banalizados da sexualidade virtual. Está cada vez mais natural o pai no seu dia a dia expor seu filho de forma exagerada. A família tem um papel importante no controle do conteúdo a ser postado nas redes, visando compartilhar de forma qualitativa os momentos de sua vida particular, evitando assim a exposição de sua intimidade. A psicóloga Rosa Maria Farah, da PUC-SP, destaca que:

(...) tanto os adultos quanto as crianças ainda estão aprendendo a lidar com essa nova cultura. 'Por isso, alguma cautela é melhor que a exposição exagerada ou não cuidadosa', recomenda. 'A questão não é quantitativa, mas qualitativa. O que eu vou compartilhar, em que circunstâncias, em qual espaço, quem vai ter acesso, qual a relevância daquele conteúdo e se estou expondo demais a vida da criança ou da minha família são questões que devem ser levadas em conta pelos pais antes da postagem', sugere.

Portanto, a amplitude que é o universo dos meios de divulgação, abre espaço para uma maior gravidade, ocorrendo possíveis consequências de forma impensada por parte dos pais ao expor a imagem de seus filhos, em busca de curtidas e visualizações obtidas pelos amigos e seguidores, a fim de obter a satisfação do seu ego.

Observa-se que a criança ao adotar um perfil adultizado, ultrapassa sua compreensão. O limite do mundo adulto e o infantil são tênues e as crianças muitas vezes correspondem aos desejos inconscientes de seus pais. Os pais ao projetar em seus filhos a sua infância perdida refletem uma face narcísica vivenciada nos

tempos em que também foram criança. Segunda a lenda de Narciso, ele se apaixona pela sua própria imagem refletida em um lago, nesse sentido ocorre uma inversão, os pais refletem o seu eu na imagem do filho.

Como afirma Freud (1974, p. 97) ao escrever sobre o narcisismo discorre que:

Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosa para com seus filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcisista no caso da escolha objetal, domina, como todos nós sabemos, na atitude emocional. Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho - o que uma observação sóbria não permitia- e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele. (Incidentalmente, a negação da sexualidade nas crianças está relacionada a isso). Além disso, sentem-se inclinados a suspender, em favor da criança, o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados.

Sendo assim, Freud faz uma inversão lógica do narcisismo enquanto amor a si mesmo, sugerindo que é necessário investir no outro para que haja um investimento no eu, usando os filhos como objeto para obter atenção ou admiração.

Segundo Freud (1974, p. 98) “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior”, a criança se torna o objeto de desejo para seus pais, sendo transmitida e compartilhada no seu meio social virtual. Ao serem expostas as crianças se assemelham à imagem dos adultos, pois são inseridas nas redes sociais como se tivessem autonomia para divulgar suas vidas, preferências e comportamentos.

Tais redes (Facebook, Instagram, Twitter, dentre outras), fazem parte de uma realidade da sociedade contemporânea, representam a cultura da virtualidade. Estar conectado a uma rede auxilia o processo de comunicação, em tempo real, é um ambiente onde se expressa o que se bem entende. As pessoas estão conectadas a todo instante incluindo crianças e adolescentes, que por sua vez acabam se tornando adultos, o que traz pontos negativos a este contexto sociocultural.

Para Buckingham (2007, p. 278):

(...) mais do que simplesmente lamentar as consequências negativas das experiências ‘adultas’ cada vez mais frequentes na vida das crianças, ou do que celebrá-las como uma forma de liberação. Ao contrário, precisamos entender a extensão – e as limitações – da competência que as crianças

têm de participar do mundo adulto. Em relação às mídias, temos de reconhecer a habilidade que as crianças têm de avaliar as representações daquele mundo disponíveis a elas; e identificar o que elas ainda precisam aprender para fazê-lo de forma mais plena e produtiva.

Nessa perspectiva, a criança é vista como um sujeito autônomo em relação às mídias deve saber o que a mídia faz quando são expostas a ela, devendo ser instruída e protegida nessa influência digital.

É papel dos pais a proteção integral dos filhos perante a hipere Exposição aos aparatos midiáticos, a sequência e velocidade que são divulgados fotos, vídeos, conteúdo familiar, rotinas, ocorrendo uma mistura entre o espaço público e privado nessa inclusão digital, deixa uma fronteira ilimitada na interação entre as pessoas, no que diz respeito à privacidade.

As redes sociais tornam possível publicar sem permissão de ninguém o que se achava que era privado, agora é feito publicamente, tornando totalmente disponível a vida privada. Para Bauman (2011, p. 37), em uma de suas 44 cartas do livro *O Mundo Líquido Moderno* o público e o privado deveriam se opor a fim de preservar a privacidade dos indivíduos:

Privado e público são conceitos antagônicos. Em geral, seus campos semânticos não estão separados por limites que permitam tráfego de mão dupla, mas por fronteiras demarcadas: linhas intransponíveis, de preferência fechada com rigidez e pesadamente fortificadas de ambos os lados para impedir transgressões (invasores ou trãnsfugas, sobretudo desertores).

Diante desse cenário midiático, o sujeito não faz questão de manter sigilo da sua vida particular, não discernindo o que é público e o que é privado, expondo sua vida íntima na circulação do conteúdo virtual, não se preocupando com os impactos que isto pode trazer, mas sim, voltando-se para a incansável busca pelo espetáculo momentâneo criado diante dos olhos dos outros na breve passagem de uma existência virtual líquida.

Estudos realizado pelo TIC KIDS ONLINE, constataram em 2018 que 82% das crianças e adolescentes brasileiros na faixa etária de 11 a 17 anos tem um perfil nas redes sociais, sendo que o WhatsApp é a plataforma que tem o maior número de perfis infantis com 72 %, superando o Facebook com 66 % e o Instagram com 45%, fica claro nessa pesquisa que a utilização das redes sociais por menores de idade é um índice alto e crescente da exposição feita por menores de idade.

Esse espetáculo da vida íntima das crianças e adolescentes, que são usuários das redes sociais, pode levar a sérios problemas em sua formação ou atrair diversos perigos (como a pedofilia e o *cyberbullying*) por se mostrarem vulneráveis.

A criança e o adolescente não devem ser vistos como objeto de circulação virtual, mas sim, como sujeitos de direitos que precisam ser resguardados para o seu desenvolvimento físico e moral, como respalda o art. 4º da lei 8.069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referente à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Existe uma responsabilidade tripla entre a família, sociedade, e o Estado, para que ocorra uma efetivação dos direitos da criança, para que não haja nenhuma negligência dos seus cuidados gerais e a família deve, acima de tudo, ser a grande responsável pela proteção do menor, por ter o contato direto com ele desde o nascimento, e o que se observa é a permissividade em relação à uma exposição inadequada da criança frente às novas mídias que infringe diretamente os seus direitos fundamentais.

A Constituição Federal Brasileira Artigo 5º, inciso X prevê que: “são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação”. Mesmo a criança tendo os seus direitos previstos em lei, o que chama à atenção é a falta de proteção suficiente perante o cenário das mídias, o Estado, a família e a sociedade (incluindo a escola), é de fundamental importância proteger, garantir e principalmente controlar essa inviolabilidade da vida privada da criança e do adolescente e garantir o cumprimento dessa lei constitucional.

É preciso que os pais fiquem atentos a essa exposição excessiva da criança para que mais tarde não seja preciso reparar tais falhas que prejudicam o desenvolvimento da infância como um todo, além é claro de transcorrer por todo o processo de uma infância roubada, minimizada, silenciada pela violação do direito de ser criança, de passar pela etapa de *criança/infância*.

4 O ESPAÇO PRIVADO E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: a importância da redução da exposição virtual

A inserção do universo digital no cotidiano infantil faz com que redirecionamos novamente a fala de Postman (2001), onde está ocorrendo o desaparecimento da infância para o surgimento de uma nova era. Existe um desencontro da imagem que entrevermos a infância com as crianças reais que está em nosso contexto atual.

A imagem de uma criança inocente e pura, que se tem um brincar lúdico, convivência com irmão e vizinhos, brincadeiras nas ruas, vai se desfazendo e assim substituídas por outras, crianças se tornando adulto precocemente com maus comportamentos, se isolando no seu próprio mundo, onde o brincar se torna virtual, o espaço para brincadeiras foram alterados, trouxe novas linguagens e exposição do corpo, desenvolveu novos consumos e alterando a maneira que interagem entre si.

Essas observações ditas acima nos levam a questionar o quão a infância está ressurgindo de outro modo com aspectos negativos e positivos, pois as construções sociais das crianças nativas digitais nascem habilitadas para esse universo tecnológico, ocorrendo um abismo cultural entre gerações, antes do surgimento da tecnologia pessoas nascida nessa época não estão habitas para lidar com esse avanço tecnológico da mesma maneira que a geração digital. De acordo com o estudioso Tapscott (1999, p. 7, apud Nascimento, p,5) defende que a necessidade da criança é provida do espaço virtual.

O desenvolvimento infantil inclui a evolução das habilidades motoras, habilidades de linguagem e habilidades sociais. Inclui também o desenvolvimento de cognição, inteligência, raciocínio, personalidade e, durante a adolescência, a criação da autonomia, um sentido de individualidade e valores (...) tudo isso intensificado num mundo interativo. Quando controlam seu meio, em vez de observá-lo passivamente, as crianças se desenvolvem mais rapidamente.

A criança é considerada um sujeito em formação que deve ser inserido em um meio para se desenvolver o seu lado físico, cognitivo, afetivo, psicológico, social. Fazendo uma análise com a psicanálise de Freud é na infância que a criança determina o caráter, ou seja, se vive uma fase voltada para a descoberta de seu corpo, do desenvolvimento, é nela que ocorre as influências da estrutura psíquica do universo infantil, por isso, esse processo deve ocorrer de forma gradual.

Sigmund Freud ao desenvolver as fases de desenvolvimento infantil, a criança passa por cinco fases de desenvolvimento psicosssexual.

Fase oral (0 – 1) Freud afirma que a primeira fase de desenvolvimento de uma criança, tem duração de um ano a um ano e meio ela se concentra na região oral, tendo como principal foco a amamentação, a sucção, onde sente satisfação com a nutrição proporcionada pelo ato. A criança com a amamentação interrompida precocemente, terá uma atitude suspeita, não confiável ou sarcástica, enquanto aquela que amamentou constantemente terá uma personalidade confiante e ingênua. Essa fase termina na época do desmame.

Fase anal (1 – 3) A higiene íntima após a criança receber, desenvolve uma curiosidade, obsessão, para com a região anal, onde o próprio autor brinca com suas fezes. Freud afirma que a criança se orgulha de sua própria “criação”, que a levaria à personalidade “anal expulsiva”, a criança também poderia reter seu sistema digestivo propositalmente como forma de confrontar seus pais, levando-a a personalidade “anal retentiva”. Esta fase acontece de um a dois anos.

Fase fálica (3 – 5) É a fase crucial para o desenvolvimento sexual da criança, onde descobre o prazer e a gratificação por meio da estimulação do órgão genital, encontra-se o desejo de Édipo que Freud diz a energia sexual do homem é canalizada no amor por sua mãe, às vezes de forma violenta ou levando-o a sentimento de invejas contra o pai. Ao identificar com o mesmo órgão genital do pai acaba reprimindo esse complexo. Já nas mulheres Freud fez que é o inverso do homem. Essa fase dura de três a quatro anos.

Fase de latência (5 anos – puberdade) Freud diz que esse período de latência no desenvolvimento da criança não é de psicosssexual, mas uma fase de desejos inconscientes reprimidos. A criança nesse período já superou a fase fálica, embora seus impulsos e desejos sexuais ainda possam existir, eles expressão de forma assexuada em atividades como amizades, estudos ou esportes, até chegar ao começo da puberdade.

Fase genital (puberdade e vida adulta) Nessa fase como diz Freud, a criança volta a sua energia sexual para seus órgãos genitais, voltada para a relação amorosa. É a primeira vez que a criança tem um comportamento de acordo com seus instintos de procriação. Seus conflitos internos da fase anterior atinge uma estabilidade conduzida pelo seu ego para enfrentar os desafios da vida adulta.

Nessa idade estão conscientes de sua identidade sexual e começam a buscar formas para satisfazer sua necessidade erótica e interpessoal.

As experiências negativas vividas nessa época de vida podem se tornar verdadeiros traumas na vida adulta, e a família por ser o primeiro meio social do indivíduo, com uma educação informal, tem um papel importante nesse desenvolvimento com o processo de socialização.

A criança se desenvolve pelas interações de como ela age no meio que se insere entre sujeito-objeto Vygotsky (2007), quando a criança é exposta ao meio virtual, não se sabe ao certo o que será refletido em seu desenvolvimento cognitivo e é incapaz de opinar sobre sua imagem perante a esse contexto virtual. Silva e Guimarães (2014, p.10) pontuam que:

Quando ainda não possuímos uma estrutura cognitiva bem formada, é uma atividade complexa e que exige muito manter uma imagem como tal, isso porque essas crianças não têm total controle do que está acontecendo e nem são capazes de relacionar isso com outras coisas, criar ligação entre o que ela usa com uma mensagem a transmitir, ela ainda não está preparada para o caráter comunicacional de indumentárias.

Percebe-se que ao terem suas imagens compartilhadas, a criança é valorizada pela sua visibilidade e circulação virtual, sem controle e capacidade de opinar, estão vulneráveis ao seu desenvolvimento. Dessa forma, no estatuto da criança e adolescente ressalta o direito da criança a ser ouvida em situações que lhe respeitam, que se refere aos direitos à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Capítulo II- Art. 17 e 18:

Art. 17 - O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Art. 18. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor (BRASIL, 1990).

Nesse contexto, em prol da proteção da infância, já que é sujeito de direito em formação, e com o uso desfreado das redes sociais com sua imagem, a infância virtual ocorre de forma explícita deixando-a vulnerável a essa superexposição.

Dentro dessa perspectiva, cabe aos responsáveis familiares conscientizar os riscos que podem trazer, tanto para pais como para a criança.

Essa nova infância marcada pela a exposição das crianças no meio virtual, ocorrendo uma mudança de ser criança para se tornarem criança-adulto é um dos pontos negativos dessa nova ciber cultura, trazendo consigo os perigos virtuais como constrangimento público da vida privada acarretando o mau aceitamento da criança diante da sua imagem publicada, a supervalorização da criança para conseguir os *likes* tão desejados em suas divulgações sem a maturidade emocional de saber lidar com a desaprovação ou até mesmo o desprezo da sociedade virtual que se insere nesse contexto, o contato com a internet de forma desenfreada leva a criança a ter acesso a conteúdo inapropriados para a sua idade mesmo se considerando como sujeito ativo de responsabilidade por navegar sem a orientação e acompanhamento de um adulto, o seu convívio social se torna algo mais isolado, preso em uma tela no espaço virtual que acaba se tornando uma falsa vida real, os impactos físicos e psicológicos prejudicam o seu desenvolvimento geral, causando a irritabilidade, sono desregulado pelas altas horas conectadas, obesidade devido ao sedentarismo, depressão, são fatores preocupantes nessa nova infância da geração digital.

Por esses malefícios dessa infância a Sociedade Brasileira de Pediatria divulgou em 2016 o Manual de Orientação da Saúde de Crianças e Adolescentes (2016, p.6), na Era Digital destinado a pais ou responsáveis da criança e adolescente, discorre sobre:

Conversar com seus filhos sobre a Internet e sobre as redes sociais e quais os sites que são mais apropriados, de acordo com o desenvolvimento e a maturidade de cada um, compartilhando o uso positivo das tecnologias digitais com seus filhos nas tarefas de rotina ou lazer, mas sem invadir os espaços e as mensagens de cada um. Fazer uma lista de sites recomendados, conversar sobre os perigos e riscos da Internet ou encontros com pessoas desconhecidas em redes sociais ou fora delas.

É de suma importância e fundamental os pais terem uma participação ativa em dialogar com seus filhos sobre a importância de ter um acesso confiável nas redes sociais, de modo que não afete o seu espaço individual e respeitando os limites para que fique ciente que a orientação do seu responsável é válida para a sua segurança, conforme o Manual de Orientação (2016, p. 6) apresenta que:

Verificar a classificação indicativa para games, filmes e vídeos e conteúdos recomendados de acordo com a idade e compreensão de seus filhos, em normas técnicas e guias práticos para todas as famílias e acessíveis online.

Os pais devem orientar e verificar a classificação da idade recomendada pelo aplicativo a ser acessado, para que a criança tenha uma compreensão de que o conteúdo exposto em sua tela não é apropriado para a sua idade, podendo assim trazer malefícios para o seu desenvolvimento geral ou familiar, ainda sobre o Manual de Orientação, 2016, p.6), verifica-se que:

Estabelecer regras e limites bem claros e “concordantes” entre todos sobre o tempo de duração em jogos por dia ou no final de semana e sobre a entrada e permanência em salas de bate-papo ou em redes sociais ou durante os jogos de videogames online. Não fornecer cartões de crédito de uso pessoal.

Estabelecendo regras e limites feitos com a opinião familiar são fundamentais para que a crianças saiba manusear o seu acesso à internet de forma consciente, sabendo que a sua infância não é voltada apenas para o meio virtual, segundo o Manual de Orientação, 2016, p. 6), é possível enfatizar:

Discutir francamente qualquer mensagem ofensiva, discriminatória, esquisita, ameaçadora ou amedrontadora, desagradável, obscena, humilhante, confusa, inapropriada ou que contenha imagens ou palavras pornográficas ou violentas, típicas das redes de intolerância ou ódio e como fazer para bloqueá-la.

Os responsáveis devem ter um diálogo aberto com as crianças quando ocorrer injúrias em seu acesso virtual, para que a criança tenha uma liberdade ao ressaltar se algo está acontecendo ou situações que por aventura possam ser apresentadas em suas redes sociais, o Manual de Orientação, 2016, p. 6):

Recomendar aos seus filhos que JAMAIS forneçam a senha virtual a quem quer que seja, nem aceitem brindes, prêmios ou presentes oferecidos pela Internet, assim como também jamais devem ceder a qualquer tipo de chantagem, ameaça ou pressão de colegas ou de qualquer pessoa online.

Deixar claro e visível que sua(s) senha(s) virtual(s) jamais deverá ser fornecida para ninguém exceto os pais, pois é algo sigiloso e pessoal e não ser compartilhado com terceiros. Premiações *fakes* oferecidas nas redes sociais devem ser explicadas de forma objetiva para que os filhos não se coloquem em situações

vulneráveis, para que tenham confiança em dizer também quando sofrerem *bulling* virtual, conforme o Manual de Orientação, 2016, p. 6):

Evitar postar fotos de seus filhos para pessoas desconhecidas ou público em geral. Aprenda sobre os meios de configuração de privacidade e selecione como enviar fotos, vídeos ou mensagens. Existem vários sites e aplicativos que ensinam sobre segurança online.

A circulação da imagem de seu(s) filho(s) deve ser algo privado, resguardando os seus diretos, ensinado para a criança que suas fotos devem ser expostas com segurança, sem adultização para o público desconhecido das redes sociais, orientando-o com aplicativos ou sites que mostram a segurança para a divulgação online, prevenindo assédios, abusos, ou qualquer outro transtorno que venha acarretar a vida da criança, Manual de Orientação (2016, p. 6), aponta que:

Criar tempo para ser pai, mãe, avô, avó, tio/ tia, madrinha/padrinho sem o uso das tecnologias. Planejar as refeições sem qualquer uso de equipamentos à mesa. Planejar atividades de finais de semana ou férias fora e longe do wifi ou de computadores e celulares ou limitar o tempo de uso para 1-2 horas/dia para todos. Praticar atividades ao ar livre e em contato com a Natureza para prevenção da saúde física e mental/comportamental de todos da família.

Nessa geração digital os pais estão perdendo o desejo de estar juntos em família, a tecnologia vem ganhando esse espaço em todos os momentos. A família deve criar tempo, passeios, espaços para fugir um pouco desse meio virtual, a criança deve perceber que a sua saúde mental precisa de descanso das telas, que sinta falta e possa cobrar um momento familiar sem tecnologia, para isso o Manual de Orientação, (2016, p. 6) confirma que:

Brincar mais com seu/s filho/s de maneira interativa, olhando, abraçando, sendo parceiro e estando ao lado deles, sempre que precisar, supervisionando e construindo uma relação de confiança, para a Vida, juntos. Para isso, não se precisa de telas de televisão, computadores ou celulares ligados! Cuidado com a distração nas ruas ou quando em movimento, dirigindo carros e bicicletas.

O afeto está desaparecendo juntamente com o carinho, a atenção, os pais estão deixando de lado na vida corrida do capitalismo momentos importantes que as redes sociais acabam procurando substituir. Os pais devem sim ter um tempo de afeto para com seus filhos, pois é a partir dessa relação que se cria a confiança de

pai/filho, é na infância que a criança precisa do afeto primordial para se sentir segura no seu desenvolvimento, para isso o Manual de Orientação, (2016, p. 6), esclarece:

Participar das atividades da escola e da comunidade e criar redes de proteção e segurança online com amigos e conhecidos para todas as crianças e adolescentes de sua vizinhança ou de seu bairro ou na sua cidade. Lembrar sempre que você como adulto, pai ou mãe, e, com a convivência diária, se torna um modelo de referência para seus filhos. Portanto, deve dar o primeiro exemplo, limitando o seu tempo de trabalho no computador, quando estiver em casa. Desconectar e estar presencialmente com seus filhos.

Os pais são espelhos para seus filhos em toda a sua vida, por serem o primeiro meio de educação e convívio social, juntamente com a escola, são pontes interligadas e com o apoio da comunidade é de suma importância terem um direcionamento da criança, para que não ocorra um colapso no decorrer do seu desenvolvimento.

Mesmo sendo a criança um sujeito nativo digital é necessário que ela cresça, além do contato com as telas de forma consciente e saudável na interação com a família e a sociedade, é preciso priorizar um convívio social e familiar de forma equilibrada, para que ao mesmo tempo que a criança não se sinta excluída socialmente, cresça em um ambiente saudável e que de fato ocorra as passagens pelas etapas do brincar, aprender, socializar e afins.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da exposição da abordagem, conclui-se que foram apresentadas as seguintes temáticas: o histórico da infância desde a Idade Média, até os dias atuais, onde se pode constatar o surgimento de uma nova infância, o adulto em miniatura ressurgem em um novo molde, de acordo com o tempo histórico, social e cultural. Com o avanço da internet e o surgimento das redes sociais na vida capitalista, aparece na cena moderna o nativo digital.

A imersão excessiva da criança nas redes sociais conduz a certa dificuldade de distinção entre o que é vida pública e o que é vida privada, mesmo sendo o menor de idade um sujeito de direitos amparado pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Estes instrumentos são todos os dias

violados pela superexposição da imagem de crianças e jovens nas mídias com ou sem o seu consentimento.

A família, como meio primordial para o desenvolvimento da criança, deveria se responsabilizar por resguardar seus filhos das pessoas mal-intencionadas que fatalmente visitam as páginas disponíveis no mundo virtual. Obviamente que as crianças e jovens devem ter autonomia para navegarem, afinal os tempos são outros, é impossível negar-lhes isso, contudo deixá-los totalmente à mercê das circunstâncias demonstra absoluta irresponsabilidade por parte dos pais, deve haver, sem dúvida nenhuma limites.

É uma questão que envolve a família, a sociedade e a escola que se torna um segundo meio de informação para o desenvolvimento geral infantil, possibilita transmitir um ensinamento científico e necessita hoje conscientizar as crianças para os riscos dos excessos diante da vida digital. É por meio dela que a educação se interliga com a base familiar, que requer uma proteção, segurança e preservação do bem estar da criança.

A escola com o seu método pedagógico deve exercer um papel com uma dinâmica acessível para expor os cuidados que a criança deve ter diante das telas, mostrar a importância de saber os conteúdos que são expostos, preservar a sua imagem, por que é importante discutir o consumo exagerado na infância transmitido pelas mídias, esclarecer que são crianças em desenvolvimento e não adultos, para que não ocorra uma interferência negativa no aprendizado escolar nem em sua vida cotidiana.

REFERÊNCIAS

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **44 cartas do mundo líquido e moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do adolescente**. Decreto-Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Coordenação de Publicações, 1991.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

BUENO, Daniele Aparecida; MARTELLI, Andrea Cristina. **Infância e mídia: primeiras reflexões**, revista caribenha de ciências sociais. Disponível em: <https://www.eumed.net/trev/caribe/2019/0infancia-midia.html> . Acesso em: 21 set. 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: Debord, 50 anos depois**. 1. ed. Curitiba, PR: Appris Editora, 2018.

FREUD, Sigmund Scholomo. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1914 - 1916.

_____. **Um caso de histeria, Cinco lições de psicanalise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1910.

_____. **Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1901-1095.

_____. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1927-1931.

MARTINS, Renata Soares. **Entre curtidas no *instagram*: a exposição de crianças nas redes sociais e as possíveis consequências ao desenvolvimento infantil**. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7135> Acesso em: 30 out 2020.

MANUAL DE ORIENTAÇÃO DEPARTAMENTO DE ADOLESCÊNCIA. Disponível em: <https://sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/2019166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf> Acesso em: 06 mar 2021.

NASCIMENTO, Neuvani Ana do. **Crianças e mídias digitais: entre rótulos e explicações**. Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Neuvani-Ana-do-Nascimento.pdf>. Acesso em: 04 mar 2021.

POSTMAN, Neil, **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2011.

REIS, Fernanda; MUZZETI, Luci Regina; LEÃO, Andreza Marquez de Castro. **Sexualidade e Infância: Contribuições da educação sexual em face da erotização da criança em veículo midiático**. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=erotiza%C3%A7ao+infantil+com+a+educa%C3%A7ao&lr=lang_pt&oq=#d=gs_qabs&u=%23p%3Dr81ISp5rObYJ. Acesso em: 01. Mar. 2020.

RETTORE, Anna Cristina de Carvalho; SILVA, Beatriz de Almeida Borges. **A exposição da imagem dos filhos pelos pais funcionalizada ao melhor interesse**

da criança e do adolescente, revista brasileira de direito civil, Disponível em <https://rbdcivil.ibdcivil.org.br/rbdc/article/view/63>. Acesso em: 30 out. 2020.

TIC KIDS ONLINE. Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil.

Disponível em: <http://cetic.br/media/analises/TIC_kids_online_2018_hangout_imprensa.pdf> Acesso em: 17. fev. 2021.

VIANA, Marcos Alan. **Infância contemporânea**: institucionalização e cerceamento, revista Psico FAE pluralidade em saúde mental, Disponível em <https://psico.fae.emnuvens.com.br/psico/article/view/203>. Acesso em: 29. jan. 2021.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.